

Reflexões sobre a catástrofe: W. G. Sebald e o Antropoceno

Reflections on the catastrophe: W. G. Sebald and the
Anthropocene

Davi Alexandre Tomm

Doutor em Letras - Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
E-mail: tomm.davi@gmail.com. Orcid: 0000-0001-5713-0701.

Resumo

Este artigo propõe uma leitura da obra *The Rings of Saturn*, de W. G. Sebald, a partir das reflexões críticas do autor sobre a representação da catástrofe, em diálogo com os debates contemporâneos sobre o Antropoceno. A análise evidencia como Sebald problematiza as limitações da forma romanesca tradicional diante de eventos de destruição em larga escala, sugerindo uma “história natural da destruição” que atravessa fronteiras entre história humana e natural. Articulando contribuições de autores como Amitav Ghosh, Timothy Clark e Dipesh Chakrabarty, o artigo discute o papel da literatura na mediação entre escalas individuais e planetárias, ressaltando sua dimensão crítica, estética e ética diante dos impasses representacionais e epistemológicos da crise ambiental contemporânea.

Palavras-chaves: Antropoceno. Literatura. Catástrofe. W. G. Sebald.

Abstract

This article offers a reading of W. G. Sebald's *The Rings of Saturn* through the lens of his critical reflections on catastrophe, in dialogue with contemporary debates on the Anthropocene. The analysis highlights how Sebald problematizes the limitations of traditional novelistic forms when confronting large-scale destruction, proposing a “natural history of destruction” that blurs the boundaries between human and natural history. Engaging with thinkers such as Amitav Ghosh, Timothy Clark, and Dipesh Chakrabarty, the article explores literature's potential to mediate between individual and planetary scales. It emphasizes the critical, aesthetic, and ethical dimensions of literary writing in the face of the representational and epistemological challenges posed by contemporary environmental crises.

Keywords: Anthropocene; Literature; Catastrophe; W. G. Sebald.

Artigo recebido em 15.05.2025 e aceito em 18.08.2025.

O presente artigo propõe uma leitura da obra *The Rings of Saturn*, de W. G. Sebald, assim como de algumas de suas reflexões críticas sobre a representação da catástrofe, a partir das perspectivas abertas pelos problemas impostos à literatura com o advento do Antropoceno. A ideia não é colocar sua obra dentro dos atuais estudos do Antropoceno como se ela fosse um caso *avant la lettre* daquilo que atualmente se discute nesse contexto. O objetivo é bem mais simples: é apenas mostrar alguns dos temas que organizam as discussões atuais sobre a catástrofe climática e suas múltiplas correlações que aparecem na obra deste autor dentro daquilo que ele chamou de “história natural da destruição”, e como a dificuldade para apresentar essa história natural o levou a repensar a forma tradicional do romance. Além disso, busca-se uma reflexão sobre o papel da literatura frente às catástrofes que permeiam, e parecem constituir, a nossa história.

Sebald escreveu alguns trabalhos sobre a literatura alemã que tentou enfrentar o desafio de representar a catástrofe dos bombardeios aéreos no final da Segunda Guerra, refletindo sobre como aquela destruição de proporções inimagináveis impunha grandes dificuldades às tentativas de representá-la. Em resumo, Sebald mostra como aqueles autores, ainda presos às noções e formas tradicionais do romance, caíram em esquemas mitificadores que escondiam a realidade por trás dos bombardeios, geralmente embrulhados em um sentimento de culpa que levava à mera aceitação de uma explicação pela chave da punição divina. Além disso, eles estavam presos a um estilo carregado e artificial que impedia o acesso à realidade de eventos que eram, acima de tudo, verídicos¹. Mesmo aqueles autores que conseguiram chegar o mais perto possível de um estilo documental, em um relato memorialístico, recaíam em momentos de confissão pessoal e em “estruturas miticamente alegóricas”². Os autores que falharam em apresentar um relato condizente com o tamanho da destruição estavam ainda presos aos métodos literários tradicionais³, que “tendem a homogeneizar catástrofes coletivas e pessoais”⁴. Para escrever um relato da catástrofe que tenha alguma reivindicação de validade, é preciso romper com a forma tradicional do romance, “que deve sua aliança a conceitos burgueses”⁵. Ou

¹ W. G. Sebald, “Between History and Natural History: on the literary description of total destruction”, 2006, s.p. [Esse livro é de edição eletrônica e não tem paginação]. E W. G. Sebald, *Guerra aérea e literatura*: com ensaio sobre Alfred Andersch, 2011.

² “mythically allegorical structures” [tradução minha – a partir de agora, todos os trechos traduzidos, que não vierem com indicação contrária, são traduções minhas]. W. G. Sebald, “Between History and Natural History: on the literary description of total destruction”, 2006, s.p.

³ É o caso de Hans Erich Nossack, em *Der Untergang* [A queda], sem tradução para o português.

⁴ “tend to homogenize collective and personal catastrophes”. *Ibidem*. Segundo Sebald, o paradigma para os autores da época era o livro *Dr. Fausto*, de Thomas Mann.

⁵ “that owes its allegiance to bourgeois concepts”. *Ibidem*.

seja, é necessária uma forma que consiga mesclar o documental com o literário, que passe da experiência subjetiva para a coletiva sem uma homogeneização⁶. Quem consegue fazer isso é Alexander Kluge⁷, ao integrar o documental e o memorialístico para chegar à investigação reflexiva do passado, capaz de mostrar os reais fatores por trás da destruição e sua dimensão coletiva: “a escrita se torna um imperativo que dispensa o artifício em nome da verdade, e recorre a um ‘tipo de linguagem imparcial’, relatando de forma impessoal como se descrevesse ‘um terrível evento de um tempo pré-histórico’”⁸.

Os tópicos levantados por Sebald têm ecos no problema que Amitav Ghosh vai discutir dentro do contexto do Antropoceno. O autor indiano também critica a estrutura tradicional do romance realista, aliada aos conceitos burgueses. Para ele, os acontecimentos climáticos, cada vez mais presentes na nossa realidade, são experiências que se apresentam como improváveis e inquietantes, desafiando a forma do romance tradicional, no qual o mundo era entendido e formatado a partir de uma ordenação probabilística, em que acontecimentos surpreendentes são a exceção que comprovaria a regra de um mundo ordenado⁹. As dificuldades também envolvem um problema de articulação entre uma visão pessoal, das memórias pessoais e coletivas sobre os lugares e o clima onde se vive ou se viveu, e uma compreensão da realidade coletiva da catástrofe climática, não mais apenas em relação a um povo ou nação, mas em relação ao ser humano como espécie. Essas dificuldades estão ligadas ao conjunto de formas e convenções literárias que moldaram a narrativa, precisamente no período em que a acumulação de carbono na atmosfera estava reescrevendo o destino do planeta, nos séculos XVIII e XIX. Na contemporaneidade, no entanto, os acontecimentos climáticos surpreendentes não são mais a exceção e sim a regra, assim como o volume de conhecimento já produzido sobre o tema faz com que a dificuldade de o representar não seja mais apenas um problema de falta de informação. Apesar desse contexto atual, Ghosh diz que, quando um romancista pensa em escrever sobre a mudança climática, é quase sempre fora da ficção, como é o caso dele próprio¹⁰. Para ele, essa inescapável escolha pelo texto ensaístico, quando se tenta

⁶ E se Sebald está falando de uma experiência coletiva que atingiu um povo apenas, o desafio é ainda maior no âmbito do Antropoceno, onde essa coletividade está no nível da espécie humana. Reflexões sobre esse problema de escala estão em Chakrabarty (2013, Clark (2015) e Dürbeck; Hüpkes (2022).

⁷ O livro do autor, *Neue Geschichten. Hefte 1–18*, [Novas histórias. N.ºs 1 – 18. Sem tradução para o português] é o único exemplo positivo apresentado por Sebald (2006, 2011).

⁸ “writing becomes an imperative that dispenses with artifice in the interests of truth, and turns to a ‘dispassionate kind of speech’, reporting impersonally as if describing ‘a terrible event from some prehistoric time’”. *Ibidem*.

⁹ Amitav Ghosh, *The Great Derangement: Climate change and the unthinkable*, 2016.

¹⁰ *Ibidem*.

falar da crise climática, não é uma questão de preferência pessoal, mas resultado das dificuldades que surgem a partir das formas particulares de resistência que o aquecimento global apresenta para o que é considerado ficção séria¹¹.

Vale a pena notar algumas proximidades entre o que Ghosh está tratando e aquele ideal de narrativa que Sebald encontra no livro de Alexander Kluge. O próprio livro de Ghosh também é uma tentativa de lidar com as questões climáticas não apenas de modo teórico, mas narrativo, embora não ficcionalizado. A forma como ele faz isso não está muito longe daquela defendida por Sebald. Trata-se justamente de um misto de memórias pessoais, relatos históricos de várias épocas e textos científicos, que documentam os reais motivos (o modo de desenvolvimento da espécie humana) por trás da mudança climática na região da Índia. Nas três partes do livro, as reflexões teóricas vão se misturando aos relatos pessoais e históricos, formando o material documental necessário para uma reflexão séria sobre as variadas e complexas causas desses eventos destrutivos, que são, à primeira vista, incompreensíveis. Igualmente, *Neue Geschichten. Hefte 1–18* não segue as formas literárias tradicionais, que Sebald considera integrarem em uma visão pessoal à ordenação de uma realidade caótica: “a ideia tradicional de um escritor criativo que traz ordem às discrepâncias no vasto campo da realidade, ordenando-as em sua própria versão”¹². Kluge escapa disso ao apresentar na própria obra acabada o material de pesquisa preliminar à escrita: textos e imagens, tanto históricos quanto ficcionais. Pensando nos termos de Ghosh, seria um modo de fugir do ideal, burguês e científico, de ordem probabilística do mundo. No entanto, não se trata de abolir completamente o envolvimento e compromisso subjetivo, que também está no princípio do trabalho literário e que é o ponto de partida do esforço imaginativo de toda obra¹³. A segunda história de Kluge é um exemplo de como a investigação analítica da história pode transformar “o envolvimento pessoal na experiência coletiva” da catástrofe ao menos num “conceito significativamente heurístico”¹⁴, pois relaciona os acontecimentos experienciados a eventos anteriores e possíveis desenvolvimentos futuros. Quase o mesmo pode ser dito do livro de Ghosh, no qual o envolvimento pessoal do autor serve de ponto de partida para uma análise

¹¹ Ghosh ainda se atém a essa distinção entre uma ficção que ele chama de séria, que seria estipulada pelas revistas literárias sérias, e a ficção de gênero (ficção científica, ficção climática, horror, weird). *Ibidem*.

¹² “the traditional idea of a creative writer bringing order to the discrepancies in the wide field of reality by arranging them in his own version”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p.

¹³ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006.

¹⁴ “a personal involvement in collective experience”; “a heuristically meaningful concept”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p.

histórica que conecta eventos passados a desenvolvimentos posteriores e, possivelmente, a perspectivas futuras.

Além disso, esse trabalho de organização e estruturação da obra em uma nova forma, que foge do romance tradicional, também é uma questão de escala, pois, como afirma Timothy Clark, um dos efeitos de escala do Antropoceno se dá justamente no desajuste entre o individual e o coletivo¹⁵. As relações de causa e consequência – uma estrutura de pensamento fundamental para lermos e interpretarmos o mundo – tornam-se imperceptíveis, ou mesmo inapreensíveis. Podemos dizer que, na literatura, a escala desse “hiperobjeto”¹⁶ chamado mudança climática desafia a capacidade de integrar a realidade caótica numa visão individual. Ela não cabe na estrutura tradicional do romance burguês, assim como a escala de destruição dos bombardeios aéreos já não cabia, pois tratam-se de realidades caóticas que não aceitam o jugo da visão subjetiva ordenadora, em que a imanência da vida é satisfatoriamente domesticada na transcendência da forma¹⁷. Segundo Clark, esse também é um problema para a crítica literária e cultural estabelecida atualmente, que está estruturada sobre as bases da consciência liberal, analisando os produtos culturais a partir de paradigmas como o indivíduo e a nação¹⁸. É claro que qualquer leitura literária, avaliação ou representação tem como elemento constitutivo inevitável a projeção ou pressuposição de uma certa escala no tempo e no espaço para o seu tema. As interpretações miméticas de um texto literário, por exemplo, sempre assumem, como uma precondição, uma escala física e temporal de algum tipo, embora quase nunca explícita. Clark dá como exemplo uma prática da ecocrítica, a qual chama de leitura em escala miniaturizante: escolher um texto e destacar como certos problemas culturais, políticos e ambientais funcionam ali dentro, sugerindo que esse texto sirva como um modelo explicativo para o mundo, ou mesmo um tipo de norma para as ações no mundo.¹⁹ Essa miniaturização como estratégia para se passar do individual, ou do local, para o global cai no problema básico da escala: a cegueira quanto aos distúrbios causados sempre que se aumenta uma escala²⁰.

Podemos dizer que a forma tradicional do romance, que Sebald considera insuficiente para o relato da catástrofe, também moldou a tradição da crítica

¹⁵ Timothy Clark, “Scale Framing”, 2015, e Timothy Clark, “Scalar Literacy”, 2019.

¹⁶ “hyperobject”, Timothy Morton, *Hyperobjects*, 2013.

¹⁷ No caso de Sebald, seria um tema para outro trabalho investigar o quanto suas críticas à forma do romance tradicional dão uma outra volta no parafuso do problema lukacsiano do romance, uma volta agora ética para a questão da tentativa de integrar a realidade em uma forma.

¹⁸ Timothy Clark, “Scale”, 2012.

¹⁹ Timothy Clark, *Op. Cit.*, 2015.

²⁰ *Ibidem*.

literária: trata-se de uma redução à mimese, em que a história do indivíduo, ou alguns indivíduos, é lida como representação da realidade social, política e histórica, dentro de um enquadramento temporal geralmente nacional; ou uma leitura que trata da visão de mundo daquele autor, decifrada no texto, mas, novamente, relacionada ao escopo da nação, de um período histórico determinado e reduzido. Sebald mostra como Kluge escapa desse paradigma. *Neue Geschichten. Hefte 1–18* trata da catástrofe experienciada por uma nação e povo, mas que serve de ponto de partida para a reflexão que vai se ampliando, até mostrar não um caso de miniaturização que pode ser aplicado ao todo, mas as conexões que formam a história natural da destruição de nossa espécie. A inserção do documental em meio ao material memorialístico é o que leva Kluge à investigação histórica, em tom de “pesquisa sobre o passado”²¹. Ao narrar o caso do bombardeio de sua cidade natal, de tamanho médio, e sem nenhuma importância estratégica ou econômica para a guerra, Kluge levanta questões sobre “os fatores que determinam a dinâmica da guerra tecnológica”²². O autor integra no seu livro uma entrevista de um dos brigadeiros americanos responsáveis pela operação, concedida a um repórter daquela cidade que pergunta se, caso os habitantes tivessem amarrado um lençol branco na torre da igreja, seria possível evitar a destruição:

[a]s explicações de Anderson culminam em uma declaração que permite enxergar a ponta notoriamente irracional de toda argumentação racionalista. Ele aponta para o fato de que as bombas levadas eram, em última instância, “mercadorias caras”. “É praticamente impossível atirá-las nas montanhas ou em campos abertos depois de terem sido fabricadas no país de origem com emprego de tamanha mão de obra”. A consequência das imposições que prevalecem no processo de produção, das quais nem os responsáveis, sejam eles indivíduos ou grupos, podem se furtar, nem mesmo com a maior boa vontade, é a cidade arruinada que aparece diante de nós numa fotografia anexada no texto de Kluge²³.

Ao mostrar essa estrutura organizacional por trás da destruição, Kluge revela não apenas as relações entre o capitalismo e a guerra, entre o desenvolvimento industrial e a indústria bélica, mas também os argumentos militares (de que os bombardeios deveriam destruir a estrutura e organização bélica da Alemanha, ou acabar com a moral da população e sua vontade de continuar lutando) desaparecendo em favor de um argumento econômico (mercadorias caras, tamanho da mão de obra empregada), momento em que o argumento racional atinge sua ponta irracional²⁴. Os aviões são descritos como “parques industriais de pequeno porte”, e “o montante de inteligência, capital e

²¹ “research into the past”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p.

²² “the factors determining the dynamic of technological warfare”. *Ibidem*.

²³ W. G. Sebald, *Guerra aérea e literatura*, 2011, p. 62-63.

²⁴ *Ibidem*.

força de trabalho envolvidos no planejamento da destruição era de tal ordem que, por conta do potencial acumulado, ele *precisava* ser executado”²⁵. Essa verdade é revelada exatamente pelo trabalho documental intercalado na obra de Kluge, que permite ver no verbo “precisava” justamente aquilo que Sebald chamou de “lei básica de todo desenvolvimento econômico” no capitalismo: a “autoproliferação”²⁶, a qual põe em suspenso os órgãos de decisão política. O desenvolvimento de mercadorias caras leva ao imperativo do seu uso, mesmo que essas mercadorias sejam armas de destruição; nesse processo, nem a boa vontade dos responsáveis, sejam grupos ou indivíduos, pode mudar o destino, pois o automatismo do sistema econômico tomou o lugar de decisão dos líderes²⁷.

Na análise do relato de Kluge, Sebald encontra o desvelar da congruência inevitável entre desenvolvimento econômico e guerra, que está no gérmen justamente do período conhecido como Grande Aceleração²⁸. Nossa sociedade de consumo está baseada na lei básica da autoproliferação, justamente o ponto de passagem para uma história natural da destruição:

[...] não temos aí [nas destruições dos bombardeios], pelo contrário, o exemplo irrefutável de que as catástrofes que, de certo modo, preparamos sem notar, e depois parecem irromper de repente, antecipam numa espécie de experimento o ponto em que, de nossa história que por tanto tempo consideramos autônoma, recaímos na história natural?²⁹.

Sua pergunta final nos permite pensar a passagem da catástrofe coletiva de um povo para a catástrofe coletiva da espécie humana: a lógica por trás da destruição das cidades e da população alemã é a mesma que impulsiona o nosso desenvolvimento como espécie. O princípio de organização que está implícito na produção das bombas é o mesmo que funciona em todas as áreas de nossa vida³⁰. Kluge, segundo Sebald, interpreta a nossa história como

a consequência catastrófica de uma antropogênese baseada, desde o início, em erros evolutivos, uma consequência que há muito tempo já era pressagiada pela fisiologia complexa dos seres humanos, pelo

²⁵ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2011, p. 62, grifo do autor.

²⁶ “das Gundgestz jeder Wirtschaftsentwicklung”; “Autoproliferation”. W. G. Sebald, “Europäische Peripherien”, 1992, p. 66.

²⁷ Para Sebald (1992), os processos macroeconômicos já entraram em um nível histórico-natural, enquanto nossas tentativas de combatê-lo, no nível social e político, não conseguem alcançar tal patamar – o que será, como veremos adiante, um problema para a própria literatura.

²⁸ Lembremos que, dentre as narrativas do Antropoceno, a que vem ganhando mais força é a que data o início desse novo período geológico justamente nesse momento pós-Segunda Guerra, ou seja, da expansão global do capitalismo de consumo. As reflexões de Sebald, a partir de Kluge, ajudam-nos a ver a relação desse desenvolvimento econômico e industrial já em início na indústria bélica do final da guerra.

²⁹ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2011, p. 63-64.

³⁰ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006.

desenvolvimento de suas mentes hipertrofiadas e por seus métodos tecnológicos de produção³¹.

Uma história natural da destruição, portanto, mostra exatamente essa antropogênese marcada, desde o início, por erros; a complexa fisiologia dos seres humanos está no modo como nosso conhecimento nos separa da vida natural, fazendo com que nossas criações não se integrem com o mundo, mas sejam contra ele.

Nosso desenvolvimento tecnológico é um dos fatores centrais no processo que nos trouxe até aqui, e a reflexão sobre ele é fundamental nos estudos do Antropoceno. Nesse contexto, uma das questões que se destaca no estudo da literatura é como ela pode servir, de algum modo, para uma percepção e conhecimento do nosso presente, ou seja, a investigação histórico-analítica, que relaciona presente, passado e, possivelmente, futuro. Para Vermeulen, por exemplo, as descrições científicas do Antropoceno, mesmo as mais claras e sóbrias, não levam a afirmações de fatos e conclusões claras, porque envolvem uma quantidade de conhecimento e dados nunca antes vistos. A partir disso, ele defende que os recursos imaginativos, afetivos e reflexivos da literatura têm um papel na atualização do conhecimento para o Antropoceno: ela é uma reserva de consciência climática para se pensar sobre as relações entre agentes humanos e não humanos³².

Trata-se, então, de colocar para a literatura um papel, uma função, que, talvez, embora sempre lhe tenha sido atribuído, também é sempre posto em xeque. Pode a literatura dar algum tipo de esperança de que vamos aprender com nossos erros do passado, para, com isso, atuar no presente e melhorar o futuro? Essa é uma questão que Sebald também faz ao analisar *Neue Geschichten. Hefte 1–18*. O método de Kluge não recorre nem ao padrão da historiografia retrospectiva, nem à ficção, e tampouco oferece uma filosofia da história, mas apresenta uma reflexão sobre esses modos de entendimento do mundo³³. O material documental é apresentado com vetores para nosso presente, e a reflexão sobre os fatos passados faz com que esses documentos se tornem mediados. É assim que Kluge consegue mostrar que a destruição bélica em uma escala até então nunca vista é resultado do mesmo princípio organizacional que funciona

³¹ “the catastrophic consequence of an anthropogenesis based from the first on evolutionary mistakes, a consequence that has long been foreshadowed by the complex physiology of human beings, the development of their hypertrophied minds, and their technological methods of production”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p.

³² Pieter Vermeulen, *Literature and the Anthropocene*, 2020.

³³ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006.

tanto na catástrofe coletiva quanto em todas as áreas de nossa vida ordinária³⁴. E é nesse ponto que Sebald encontra a “intenção didática do autor”: evidenciar essa conexão entre a destruição antropogênica e as nossas realidades mais corriqueiras³⁵. Ou seja, a intenção didática está em revelar que o nosso modo de desenvolvimento, como espécie, ocorre através da destruição. E podemos também pensar que essa intenção didática é a mesma da crítica literária, como no exemplo da miniaturização citado por Timothy Clark³⁶. Uma tendência na ecocrítica, segundo o autor, é apresentar a literatura como um repositório de ensinamento de diferentes modos de habitar o mundo, que pode ajudar numa possível mudança futura³⁷.

Para Sebald, no entanto, essa intenção didática é posta em dúvida, não na sua boa intenção, nem na importância que obras como a de Kluge têm para revelar as verdades da nossa história natural da destruição, mas sim numa possível esperança de mudança:

a ideia de que uma compreensão adequada das catástrofes que estamos sempre provocando é o primeiro prerequisite para a organização social da felicidade é fundamental para a descrição detalhada de Kluge sobre a organização social do desastre, que é pré-programado pelos erros sempre recorrentes e cada vez mais intensificados da história. *No entanto*, é difícil descartar a ideia de que a destruição sistemática que Kluge vê surgir do desenvolvimento dos meios e modos de produção industrial dificilmente parece justificar o princípio abstrato da esperança³⁸.

A primeira parte da citação repete o que já foi dito sobre a intenção didática do autor. Há duas *organizações sociais*, em oposição, a do *desastre* e da *felicidade*. É a descrição detalhada da primeira que pode, como forma de aprendizado, levar à segunda. Porém, o que vem depois do “no entanto” é o que deixa o sabor amargo: é exatamente a descrição detalhada desse modo de organização sistemática da destruição que torna difícil qualquer princípio de esperança. Ao entendermos a escala de complexidade desse sistema, parece quase impossível haver qualquer esperança de mudá-lo. Esse paradoxo pode ser ilustrado pela frase de Brecht, citada por Sebald: “os seres humanos aprendem

³⁴ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006.

³⁵ “the author’s didactic intention turns”. *Ibidem*.

³⁶ Timothy Clark, *Op. Cit.*, 2015.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ “[c]entral to Kluge’s detailed description of the social organization of disaster, which is preprogrammed by the ever recurrent and ever intensifying mistakes of history, is the idea that a proper understanding of the catastrophes we are always setting off is the first prerequisite for the social organization of happiness. *However*, it is difficult to dismiss the idea that the systematic destruction Kluge sees arising from the development of the means and modes of industrial production hardly seems to justify the abstract principle of hope”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p, grifo meu.

tanto das catástrofes quanto os coelhos de laboratório aprendem sobre biologia”³⁹. O livro de Kluge revela a verdade dessa frase e mostra que nossa autonomia, diante da destruição real e potencial que nós mesmos produzimos, não é maior que aquela do animal preso em uma gaiola num laboratório. Ou seja, nós dificilmente aprendemos com nossos erros do passado e, por isso, repetimos a mesma história de destruição, mesmo quando acreditamos que alcançamos o ápice de nossa capacidade racional.

Esse talvez seja o maior aprendizado que a literatura possa nos dar para o Antropoceno. Para Vermeulen, muitas abordagens do Antropoceno repetem a mesma ilusão moderna de que nossa espécie atingiu o pico de sua capacidade reflexiva, da consciência sobre nós e nossa história⁴⁰. Porém, como bem mostram Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz, no período entre 1770 e 1830, o conhecimento e consciência ambiental estava tão disponível quanto marginalizados: “nossos ancestrais destruíram o meio ambiente com plena consciência do que estavam fazendo”⁴¹. Mesmo assim, Vermeulen e grande parte da ecocrítica acreditam que a literatura tem um papel central na mobilização da consciência ambiental (passada e presente) para se tentar evitar a destruição planetária⁴². O que Sebald mostra é que talvez essa intenção didática se choque justamente com a verdade que é revelada pelas obras que conseguem atingir uma reflexão apropriada sobre nossa história de destruição, impedindo exatamente esse princípio de esperança em um aprendizado que nos leve, como espécie, a mudar para melhor. Pois o que é revelado é a escala de complexidade organizacional por trás do nosso modo de vida, que já é tão autônoma que está fora de nosso controle: o ponto em que passamos da história humana para a história natural⁴³.

Apesar disso, o imperativo da escrita se impõe, e Sebald o reconhece, sabendo que não há como escapar dele. A escrita, e com ela o trabalho didático de apresentar as verdades da nossa história natural da destruição, ainda se impõe e aponta para uma necessidade que, no entanto, não pode ser alimentada pela esperança de que algum livro, ou um conjunto de livros, vá mudar o mundo. Igualmente para a crítica, estudar a literatura a partir do Antropoceno é um

³⁹ “human beings learn as much from catastrophes as laboratory rabbits learn about biology”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006, s.p.

⁴⁰ Pieter Vermeulen, *Op. Cit.*, 2020.

⁴¹ “our ancestors destroyed environments in full awareness of what they were doing”. Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz, *The Shock of the Anthropocene: The Earth, History and Us*, 2016, p. 196.

⁴² Pieter Vermeulen, *Op. Cit.*, 2020.

⁴³ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2006.

trabalho de Sísifo, como é o do escritor, pois é preciso seguir produzindo esse conhecimento a despeito da pouca esperança de que ele mudará o mundo. Sebald reconhece esse trabalho da escrita, esse imperativo que se impõe apesar de tudo, pois ele mesmo escreve uma história natural da destruição em sua obra ficcional. Vejamos como isso aparece em seu livro *The Rings of Saturn*.

Para Jason Groves, Sebald caracteriza a catástrofe como algo ambivalente, que, ao mesmo tempo que se desenvolve em nossas mãos, também surge subitamente, o que sugere “um experimento que deu errado e um evento que se desenrola por si só, em vez de uma trama dissimulada ou um empreendimento condenado desde o início”⁴⁴. Desse modo, a obra do autor alemão busca repetidamente esse momento em que a nossa história humana passa para a história natural, o que antecipa, de certo modo, a ideia do ser humano como uma força geológica, e a proposta de que isso deveria marcar uma nova era geológica⁴⁵. O livro *The Rings of Saturn* narra uma caminhada geográfica e temporal, construindo uma rede de catástrofes que compõem a história natural da destruição; é uma jornada onde cada lugar permite uma visão dos pontos de alternância entre a história humana e a natural. O livro é estruturado exatamente por um “transtorno”⁴⁶ das escalas tradicionalmente tomadas como distintas; o que o aproxima da proposta de Dipesh Chakrabarty, de que as “explicações antropogênicas da mudança climática acarretam o fim da velha distinção humanista entre história natural e história humana”⁴⁷. Portanto, é preciso cada vez mais criar “narrativas de múltiplas trilhas”⁴⁸ capazes de incorporar a agência geofísica nas nossas formas de contar a história humana, “um tráfico conceitual constante entre a história da terra e a história do mundo”⁴⁹, conectando eventos em escalas geológicas com aquilo pode ser feito em escalas individual, coletiva, institucional e nacional. O livro de Sebald pode ser entendido justamente como essa narrativa de múltiplas trilhas como vemos na explicação do próprio autor:

[f]undamentalmente, ele lida com algo semelhante à descrição da aberração de uma espécie. Pode-se [...] prosseguir em círculos concêntricos, e os círculos internos determinam os externos. Quer dizer: pode-se

⁴⁴ “an experiment gone awry and an event proceeding of its own accord rather than an underhanded plot or an undertaking doomed in advance”. Jason Groves, “Writing After Nature: A Sebaldian Ecopoetics”, 2017, p. 268.

⁴⁵ *Ibidem*.

⁴⁶ “derangement of scale”. Jason Groves, *Op. Cit.*, 2017, p. 270.

⁴⁷ Dipesh Chakrabarty, “O clima da história: quatro teses”, 2013, p. 5.

⁴⁸ “multiple-track narratives”: em inglês, “track” pode significar muitas coisas, entre elas, “trajeto”, “caminho”, “rastro”, “traço”, “vestígio”. Todos esses sentidos podem ser agenciados aqui, pois a caminhada do narrador, por múltiplos caminhos, permite-o encontrar traços, vestígios, rastros, que constituem a multifacetada história natural da espécie humana, costurada pela sua capacidade destrutiva. *Idem*, “Brute Force”, 2010, p. 3.

⁴⁹ “a constant conceptual traffic between earth history and world history”. *Idem*, *The Climate of History in a Planetary Age*, 2021, p. 155.

contemplar a economia doméstica da própria mente, tal como é determinada pela história familiar, como esta, por sua vez, é determinada pela história da classe pequeno-burguesa na Alemanha dos anos vinte e trinta, como isto é delineado pelas condições econômicas destes anos, como estas condições econômicas emergiram da história da industrialização na Alemanha e Europa – e assim por diante, até o círculo em que a história natural e a história da espécie humana se alternam⁵⁰.

Como afirma Groves, mesmo antes das teses de Chakrabarty, que coloca a tarefa de situar historicamente a crise da mudança climática em um trabalho intelectual conjunto de perspectivas normalmente em tensão (o planetário e o global, a história profunda e registrada, a compreensão da espécie e as críticas do capital), Sebald já estava, a seu modo, elaborando literariamente um registro desse colapso causado pela espécie humana⁵¹. Igualmente, para Rosanne Kennedy, a obra do autor, ao ser lida na era do Antropoceno, “revela a sinistra compreensão de Sebald sobre as convergências da globalização e mudança climática global, e da história natural e história humana”⁵². Para ela, Sebald adota uma perspectiva planetária, que traz um enfoque da história natural e passa a ver os humanos não mais como apenas agentes biológicos, mas como agentes geológicos. Essa perspectiva é mais próxima da “história profunda”⁵³, e diferente da perspectiva global, que é mais comum nas ciências humanas, associada a termos como “globalização” e “mudança climática global”, e que pensa em um contexto da história humana recente⁵⁴.

A perspectiva planetária em *The Rings of Saturn* já aparece em uma de suas epígrafes: uma citação da Enciclopédia Brockhaus que explica que os anéis de Saturno provavelmente são formados por detritos de uma antiga lua que estava muito próxima do planeta e foi destruída pela força das marés⁵⁵. Ao colocar como epígrafe (que remete ao título do livro) um evento catastrófico natural, ocorrido a milhões de anos atrás, em um planeta a milhões de quilômetros de distância, o autor parece antecipar o olhar que o narrador vai dirigir ao nosso planeta. Mas aqui a força geológica causadora da destruição é o ser humano, e as

⁵⁰ “[u]ltimately, it deals with something like a description of the aberration of a species. One can [...] proceed outward in concentric circles, and the inner circles determine the outer ones. That means: one can contemplate the domestic economy of one’s own mind as it is determined by family history, how this is in turn determined by the history of the petit bourgeois class in twenties and thirties Germany, how this is delineated by the economic conditions of these years, how those economic conditions have emerged out of the history of industrialization in Germany and Europe—and so on until the circle where natural history and the history of the human species alternat”. W. G. Sebald apud Jason Groves, *Op. Cit.*, 2017, p. 270.

⁵¹ Jason Groves, *Op. Cit.*, 2017.

⁵² “reveals Sebald’s uncanny grasp of the convergences of globalization and global climate change, and of natural history and human history”. Rosanne Kennedy, “Humanity’s Footprint: reading *Rings of Saturn* and *Palestinian Walks* in an Anthropocene Era”, 2012, p. 180.

⁵³ Dipesh Chakrabarty, *Op. Cit.*, 2013, p.14.

⁵⁴ Rosanne Kennedy, *Op. Cit.*, 2012.

⁵⁵ W. G. Sebald, *The Rings of Saturn*, 2002.

catástrofes que ele causa não criam belos anéis que circundam o planeta, mas resultam na destruição do próprio planeta e na reescritura de sua superfície. Podemos comparar esse olhar para Saturno e seus anéis com o olhar do narrador para um pedaço da Europa (Holanda), pela janela de um avião:

estendendo-se abaixo de nós, encontrava-se uma das regiões mais densamente povoadas da Europa, com infinitos terraços, extensas cidades-satélites, parques empresariais e reluzentes edifícios de vidro que pareciam grandes blocos de gelo quadrangulares flutuando sobre este canto do continente, onde nenhum pedaço de terra ficou intocado. Ao longo dos séculos, regulamentou-se, cultivou-se e construiu-se sobre a terra até que toda a região se transformasse em um padrão geométrico. As estradas, canais e vias férreas corriam em linhas retas e curvas suaves, passando por campos e plantações, bacias e reservatórios. Como contas em um ábaco projetado para calcular o infinito, os carros deslizavam pelas pistas das autoestradas, enquanto os navios que subiam e desciam o rio pareciam ter parado no tempo. Embutida nessa trama uniforme, encontrava-se uma mansão cercada por seu parque, a relíquia de uma era passada. Observei a sombra do nosso avião deslizando rapidamente abaixo de nós, sobre cercas vivas, muros, fileiras de álamos e canais. Ao longo de uma linha que parecia ter sido traçada com uma régua, um trator rastejava por um campo de restolho, dividindo-o em uma metade mais clara e uma mais escura. Em nenhum lugar, porém, era possível ver um único ser humano. Não importa se estamos voando sobre a Terra Nova ou sobre o mar de luzes que se estende de Boston a Filadélfia depois do anoitecer, sobre os desertos árabes que brilham como madrepérola, sobre o Ruhr ou a cidade de Frankfurt, é como se não houvesse pessoas, apenas as coisas que elas criaram e nas quais se escondem. Vemos os lugares onde vivem e as estradas que os ligam, vemos a fumaça subindo de suas casas e fábricas, vemos os veículos em que se locomovem, mas não vemos as próprias pessoas. E, no entanto, elas estão presentes em todos os lugares da face da Terra, expandindo seu domínio a cada hora, movendo-se pelas colmeias de edifícios imponentes e interligadas em redes de uma complexidade que vai muito além da capacidade de qualquer indivíduo de imaginar, desde os milhares de guindastes e guinchos que outrora operavam nas minas de diamantes da África do Sul até os pisos das bolsas de valores e de mercadorias de hoje, através dos quais as marés globais de informação fluem incessantemente. Se nos observarmos de uma grande altitude, é assustador perceber o quão pouco sabemos sobre nossa espécie, nosso propósito e nosso fim, pensei, enquanto cruzávamos a costa e voávamos sobre o mar verde-gelatinoso⁵⁶.

⁵⁶ “[s]pread out beneath us lay one of the most densely-populated regions in Europe, with endless terraces, sprawling satellite towns, business parks and shining glass houses which looked like large quadrangular ice floes drifting across this corner of the continent where not a patch is left to its own devices. Over the centuries the land had been regulated, cultivated and built on until the whole region was transformed into a geometrical pattern. The roads, water channels and railway tracks ran in straight lines and gentle curves past fields and plantations, basins and reservoirs. Like beads on an abacus designed to calculate infinity, cars glided along the lanes of the motorways, while the ships moving up and down river appeared as if they had been halted for ever. Embedded in this even fabric lay a manor surrounded by its park, the relic of an earlier age. I watched the shadow of our plane hastening below us across hedges, fences, rows of polars and canals. Along a line that seemed to have been drawn with a ruler a tractor crawled through a field of stubbled, dividing it into one lighter and one darker half. Nowhere, however was a single human being to be seen. No matter whether one is flying over Newfoundland or the sea of lights that stretches from Boston to Philadelphia after nightfall, over the Arabian deserts which gleam like mother-of-pearl, over the Ruhr or the city of Frankfurt, it is as though there were no people, only the things they have made and in which they are hiding. One sees the places where they live and the roads that link them, one sees the smoke rising from their houses and factories, one sees the vehicles in which they sit, but one sees not the people themselves. And yet they are present everywhere upon the face of the earth, extending their dominion by the hour, moving around the honeycombs of towering buildings and tied into networks of a complexity that goes far beyond the power of any one individual to imagine, from the thousands of hoists and winches that once worked the South African diamond mines to the floors of today's stock and commodity exchanges,

Embora o narrador esteja vendo uma paisagem específica, um recorte de um pedaço do planeta, sua imaginação e reflexão atingem uma perspectiva planetária que enxerga as *pegadas humanas*, ao mesmo tempo em que não enxerga os próprios seres humanos, escondidos em suas criações, suas teias tão complexas que se tornam difíceis até mesmo de imaginar. Nossas pegadas não são apenas as visíveis construções e infraestruturas, mas também as estruturas abstratas, como os pregões das bolsas, o mercado de valores e as estruturas de fluxos de informação. O capitalismo aparece como uma pegada contundente não apenas nesses exemplos, mas nas imagens cruéis das minas de diamantes da África. E, se no trecho todos os humanos estão escondidos, e a violenta história que está por trás dessa imagem também, a mera menção às minas na África remete a dois longos trechos subsequentes no livro que apresentam mais explicitamente a violência da colonização belga no Congo e da britânica na China.

Além disso, a imagem que ele nos apresenta traz consigo uma das principais dificuldades do Antropoceno: começar a pensar uma história da humanidade como espécie⁵⁷. Por um lado, é preciso ampliar a escala para narrar a história humana como espécie, numa perspectiva da história profunda, o que pode mostrar os complexos e gigantescos emaranhamentos criados por nossa presença no planeta; mas esse movimento acaba escondendo outros elementos, e é preciso aprender, imaginar, novas formas de mediação para intercalar e conectar essas diferentes escalas⁵⁸. Como diz o narrador: vemos, lá de cima, a nossa presença através das estruturas e construções, das alterações que fizemos na superfície da Terra, nossas pegadas, mas não vemos a nós mesmos, os seres humanos. Para isso, é preciso uma forma que consiga lidar com diferentes perspectivas de escalas, em diversos enquadramentos. Se a visão do alto produz no narrador uma reflexão aparentemente afastada, fria, como se fosse a velha consciência transcendental observando um objeto à distância, o início do livro, pelo contrário, mostra um narrador não só imerso na história da destruição como fisicamente afetado por ela.

Já na primeira página, ele nos fala do “horror paralisante” que o acometeu quando confrontado com “os vestígios de destruição, remontando a um passado

through which the global tides of information flow without cease. If we view ourselves from a great height, it is frightening to realize how little we know about our species, our purpose and our end, I thought, as we crossed the coastline and flew out over the jelly-green sea”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 90-92.

⁵⁷ Dipesh Chakrabarty, *Op. Cit.*, 2013.

⁵⁸ Gabriele Dürbeck e Philip Hüpkes, *Narratives of Scale in the Anthropocene: Imagining human responsibility in an age of scalar complexity*, 2022.

distante, que eram evidentes mesmo naquele lugar remoto”⁵⁹. Esse sentimento de paralisia diante do horror da destruição não é apenas intelectual⁶⁰, mas é um horror que atinge o corpo, que se torna físico. Afinal, um ano após o início da sua caminhada, ele é levado para o hospital, em um “estado de imobilidade quase total”⁶¹. Isso é importante, na medida em que vemos que esse narrador não fica incólume aos efeitos dos horrores que nos narra, como um típico sujeito racional moderno, que consegue se manter centrado e distanciado do objeto observado. A sua caminhada é vivida e sentida fisicamente, fisiologicamente, assim como as histórias que conta a partir dos lugares que visita. A imersão corporal do narrador, que tem também uma evidente relação com a tradição das caminhadas, conecta-se com o ideal da virada materialista nas ciências humanas, como o “feminismo materialista” que busca recuperar o corpo da dimensão meramente discursiva para se focar nas experiências e práticas corpóreas/corporais; um corpo não apenas humano, mas também os enredamentos concretos de naturezas plurais⁶². Não é apenas a paralisia como resultado final da caminhada que nos permite pensar em uma perspectiva materialista em *The Rings of Saturns*, mas, como veremos mais adiante, as formas como o autor apresenta os emaranhamentos de diversas “naturezas” e mesmo de “naturezas-culturas” que se dão nas corporalidades.

Voltando ao início do livro, já no hospital, o narrador se encontra em um estado de quase regressão, incapaz de se mexer e trancado num quarto onde não é consegue ouvir nada da rua, como se estivesse “encasulado”⁶³, trazendo uma imagem de um animal que, ainda no casulo, tenta sair dele para a vida. Quando tenta se mover pela primeira vez, o que temos é um estado quase animalesco:

conseguindo escorregar da beirada da cama para o chão, meio de bruços e meio de lado, e depois alcançar a parede engatinhando, me arrastei, apesar da dor, até o parapeito da janela. Na postura torturada de uma criatura que se ergueu pela primeira vez, fiquei de pé, apoiado contra o vidro⁶⁴.

A imagem lembra a algo entre o homem e o animal, cujo movimento de rastejar sobre a barriga remete até mesmo ao surgimento da vida terrestre,

⁵⁹ “paralysing horror”; “the traces of destruction, reaching far back into the past, that were evident even in that remote place”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 3.

⁶⁰ Como, por exemplo, o horror causado pelo sublime, que paralisa nossas capacidades intelectuais, apenas para que nossa imaginação possa superar esse medo e nos alçar acima de qualquer força natural.

⁶¹ “state of almost total immobility”. *Ibidem*.

⁶² Serenella Iovino, “Material Ecocriticism: Matter, Text, and Posthuman Ethics”, 2012.

⁶³ “cocoined”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 5.

⁶⁴ “contriving to slip over the edge of the bed to the floor, half on my belly and half sideways, and then to reach the wall on all fours, I dragged myself, despite the pain, up to the window sill. In the tortured posture of a creature that has raised itself erect for the first time I stood leaning against the glass”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 4-5.

quando um peixe aprendeu a rastejar pela terra. Mas logo vem o salto, a evolução do homem quando ele ficou em pé pela primeira vez⁶⁵. Esse animal humano, ou humano em estado de animalidade, quer olhar pela janela, pois teme que a realidade lá fora tenha desaparecido. Ao tentar ver a cidade, ele não a reconhece, ela lhe parece um lugar estranho, onde não consegue ver nada vivo entre o labirinto de prédios, “na verdade, era como se estivesse olhando de cima de um penhasco para um mar de pedra ou um campo de escombros, de onde as tenebrosas massas de estacionamentos de vários andares assomavam-se como imensas rochas”⁶⁶. A sensação de uma realidade que está desaparecendo, a vista de uma cidade que parece abandonada⁶⁷ e em ruínas, antecipa o que veremos ao longo do livro, bem como evoca uma imagem distópica, apocalíptica, comum aos diversos relatos e narrativas do Antropoceno, tanto literárias como científicas. Para Jason Groves, essa imagem antecipa uma das perspectivas do Antropoceno: de que a crise climática já está em curso, de tal modo que um futuro sem o seu impacto já não é mais possível de imaginar⁶⁸.

Uma das principais críticas das teorias do Antropoceno à episteme moderna é quanto à separação que ela produziu entre mente e corpo. Ela desencadeou a nossa história de destruição da natureza, incluindo aí a nossa própria espécie, já que nessa história está a subjugação dos corpos para criar mais e mais sujeitos domesticados, que se tornaram força de trabalho barata para o desenvolvimento do capitalismo⁶⁹. É nesse âmbito que Serenella Iovino traz a importância da virada materialista, sob o novo olhar que é dado ao corpo e suas imbricações com discursos e materialidades⁷⁰. Vejamos como o primeiro capítulo do livro de Sebald é uma espécie de genealogia dessa história de subjugação do corpo. Depois de uma reflexão sobre a mortalidade⁷¹, o narrador foca no famoso quadro de Rembrandt, *A lição de anatomia do Dr. Tulp*. A partir do

⁶⁵ A lembrança de Gregor Samsa acordando como um inseto é tão clara que o próprio narrador faz a referência logo em seguida.

⁶⁶ “rather, it was as if I were looking down from a cliff upon a sea of stone or a field of rubble, from which the tenebrous masses of multi-storey car parks rose up like immense boulders”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 5. Novamente, como no primeiro trecho citado, temos as construções humanas, mas nenhum ser vivo.

⁶⁷ Veja que aqui também já se antecipa aquela visão do avião, em que os humanos desaparecem em meio as suas construções, mesmo numa perspectiva que está, digamos assim, imersa nessa realidade.

⁶⁸ Jason Groves, *Op. Cit.*, 2017.

⁶⁹ Uma análise extensiva disso pode ser encontrada no livro *Calibã e as bruxas: mulheres, corpos e acumulação primitiva*, de Silvia Federici.

⁷⁰ Serenella Iovino, *Op. Cit.*, 2012.

⁷¹ Há nessa parte toda uma reflexão sobre a obra do médico e escritor inglês Thomas Browne (1605-1682) que também é interessante para mostrar o tipo de pensamento pré-moderno ainda não bifurcado pela separação cartesiana. A obra de Browne oferece um modelo para essa perspectiva que Sebald experimenta, em que há uma decolagem da imersão materialista na realidade para uma visão de cima, que abarca a totalidade sem se tornar desapegada.

acontecimento histórico que deu origem ao quadro, ele reflete sobre a relação entre o nascimento da ciência moderna e as noções filosóficas de Descartes: “um dos principais capítulos na história da sujeição”⁷². Ao defender que devíamos ignorar a carne, que está além do nosso conhecimento, e focar apenas na máquina interna, Descartes ajudou a criar o discurso que vai permitir a história de sujeição dos corpos, algo que o narrador liga às práticas punitivas antigas⁷³. As pessoas pagavam caro e vestiam suas melhores roupas para assistir as aulas de anatomia, o que as tornavam um acontecimento social importante, em uma “sociedade que via a si mesma como emergindo das trevas para a luz”⁷⁴. A afirmação é obviamente irônica, já que em seguida ele mostra como o evento, que servia de demonstração do “destemido zelo investigativo” da ciência recém-nascida, também representava “o ritual arcaico de desmembrar um corpo, de dilacerar a carne do delinquente mesmo além da morte, um procedimento que ainda parte da punição prescrita da época”⁷⁵. O cadáver dissecado e punido era de Aris Kindt, condenado à morte por roubo à mão armada. Não à toa o quadro representa justamente a mão culpada⁷⁶.

Porém, enquanto o olhar dos cientistas (o professor e de seus alunos) está fixo no atlas anatômico, o olhar do artista se dirige para o corpo sendo dissecado⁷⁷. Como explica o narrador, a mão sendo dissecada está representada ao contrário não por um erro do pintor; é intencional, pois a mão invertida significa “a violência que foi infligida a Aris Kindt”, evidenciando que o olhar do artista está direcionado para a vítima e não para a guilda que pagou pela pintura, e apenas o seu olhar está livre da “rigidez cartesiana”⁷⁸, representada pelo atlas anatômico, “no qual os terríveis fatos físicos estão reduzidos a um diagrama, um plano esquemático do ser humano”⁷⁹. A nascente arte da anatomia, na época, “era, sobretudo, uma forma de fazer o corpo pecaminoso invisível”⁸⁰. A interpretação da pintura mostra um dos elementos centrais da história natural da destruição (que vai aparecer repetidamente ao longo da obra do autor): o zelo investigativo

⁷² “one of the principal chapters of the history of subjection”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 13.

⁷³ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002.

⁷⁴ “society that saw itself as emerging from the darkness into the light”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 12.

⁷⁵ “undaunted investigative zeal”; “the archaic ritual of dismembering a corpse, of harrowing the flesh of the delinquent even beyond death, a procedure then still part of the ordained punishment”. *Ibidem*.

⁷⁶ A dissecação começa pela mão e pelo braço esquerdos, não pelo abdômen, como era o mais correto, já que os órgãos apodrecem mais rapidamente (Sebald, 2002).

⁷⁷ W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002.

⁷⁸ “the violence that has been done to Aris Kindt”; “Cartesian rigidity”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 17.

⁷⁹ “in which the appalling physical facts are reduced to a diagram, a schematic plan of the human being”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 13.

⁸⁰ “was not least a way of making the reprobate body invisible”. *Ibidem*.

que caracteriza as ciências modernas disfarça a crueldade humana contra outros humanos e outras espécies⁸¹. Nesse sentido, é interessante que Sebald (2002) apresenta o momento de nascedouro desse ideal ainda marcado pela interposição entre ciência e práticas ritualísticas pré-modernas. Mas também contrapõe essa ciência em germen à arte, que é capaz de ainda manter o olhar humanizador (não humanista) capaz de se dirigir às vítimas, um olhar que Sebald vai apresentar na literatura através do seu narrador, que, como Rembrandt, consegue, em toda história de destruição e violência, enxergar as vítimas mais do que os perpetradores⁸².

No terceiro capítulo, essa mesma relação entre modernidade e destruição aparece através do ideal do progresso e desenvolvimento econômico, agora com a destruição e violência causada por causa da voracidade desenvolvimentista. Trata-se do episódio sobre a pesca do arenque, no mar do norte da Inglaterra, que começa mostrando a destruição do mundo dos pescadores da praia de Lowestoft. O narrador ainda encontra os homens da região ainda com suas varas de pesca e suas barracas na beira da praia. No entanto, quase não há mais peixes, e o pouco que ainda se consegue pescar não é próprio para a alimentação, pois todos os anos os rios despejam, no mar, toneladas de mercúrio, cádmio e chumbo: “um terço do peixe agora nasce com deformidades e excrescências estranhas”⁸³. Os pescadores são remanescentes de um mundo que acabou, que foi destruído, em que restam apenas os restos de barcos abandonados. Não é apenas a poluição que destrói o mundo desses pescadores, a pesca industrial em alto-mar igualmente tem sua relevância. Ao olhar para ela, o narrador muda seu foco, das vítimas humanas para os peixes, e narra a terrível história natural do arenque, apresentando a sanha pesqueira, que no início do período moderno já recolhia toneladas inacreditáveis de arenque naqueles mares. Além disso, narra os terríveis experimentos que eram feitos pelos cientistas do final do século XVIII para tentar estipular quanto tempo o arenque sobrevivia fora da água, mutilando os peixes ainda vivos: “[e]sse processo, inspirado por nossa sede de conhecimento, pode ser descrito como o mais extremo dos sofrimentos suportado por uma espécie sempre ameaçada pelo desastre”⁸⁴. A expressão “sede de conhecimento”

⁸¹ Rosanne Kennedy, *Op. Cit.*, 2012. Trata-se de uma questão bastante debatida atualmente, especialmente por Isabelle Stengers (2015, 2017), que parte das ideias de Whitehead sobre a bifurcação da natureza causada pelo discurso científico moderno.

⁸² Como veremos no final, é isso que, de certa forma, sobra para a literatura. Mas não é pouca coisa, que ainda seja ela a única, como veremos, capaz de manter uma tentativa de restituição.

⁸³ “a third of the fish are now born with strange deformities and excrescences”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 53.

⁸⁴ “[t]his process, inspired by our thirst for knowledge, might be described as the most extreme of the sufferings undergone by a species always threatened by disaster”; W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 57.

ecoa exatamente o trecho do quadro de Rembrandt, ligando a violência ao corpo do bandido morto à violência ao corpo do peixe ainda vivo⁸⁵.

Como afirma Rosanne Kennedy, ao trazer artistas e pensadores pré-modernos, Sebald estaria mais próximo do que hoje se chama de pensamento pós-humanista⁸⁶. Essa corrente pensa exatamente numa crítica à modernidade, capaz de mostrar como a visão de mundo construída pela narrativa do progresso nos levou à destruição do nosso planeta e de outras tantas espécies, sem contar a destruição dos próprios seres humanos. Nesse sentido, ela mostra que Sebald liga a mudança antropogênica com as conquistas da modernidade, e, ao colocar juntas a história dos humanos com a do arenque, sugere um senso mais amplo da relação entre ser e matéria⁸⁷. Ao fazer esse encaixe de narrativas, que vão alternando suas escalas para colocar o encontro do ser humano com outras espécies e as consequências destrutivas disso, Sebald constrói sua história natural da destruição. Essa mostra que as várias práticas que constituem a história humana se tornam destrutivas exatamente no ponto em que estão cegas para o emaranhado vivo que forma o planeta por elas alterado.

No início do sétimo capítulo, novamente a visão planetária permite a narração da história natural de uma região específica interligada com a história da espécie humana. A charneca de Dunwich é apresentada como melancólica não apenas por causa da natureza do solo e da influência do clima marítimo, mas principalmente devido à “destruição constante e progressiva, sobre um período de muitos séculos e até milênios, das densas florestas que se estendiam por todas as Ilhas Britânicas depois da última Era Glacial”⁸⁸. Ele mostra a história da ocupação das ilhas não apenas pelo viés da ação humana: primeiro, os carvalhos e olmos “colonizaram”⁸⁹ a região por milhares de anos, até que vieram os humanos e as árvores foram rapidamente transformadas em cinza. E essas conectam a história dessa região com as de outros lugares, como “a bacia do Amazonas ou [...] Borneo”⁹⁰, onde os incêndios que devastaram a região inglesa,

⁸⁵ O trecho longo sobre a pesca do arenque é de uma riqueza incrível para se mostrar vários elementos centrais da crítica que Sebald faz à modernidade alinhada ao ideal do progresso, e tudo que vem a reboque dessa visão de mundo. Além disso, ainda apresenta uma interessante e sutil relação com o Holocausto, que não coloca o genocídio no mesmo nível moral ou ético da matança de animais, mas os conecta como partes da mesma história natural da destruição. No entanto, uma análise mais longa e detalhada de toda essa parte não caberia aqui. Por isso apresento apenas uma versão resumida, focando na relação com o que já foi mencionado anteriormente.

⁸⁶ Rosanne Kennedy, *Op. Cit.*, 2012.

⁸⁷ *Ibidem*.

⁸⁸ “steady and advancing destruction, over a period of many centuries and indeed millennia, of the dense forests that extended over the entire British Isles after the last Ice Age”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 169.

⁸⁹ “colonized”. *Ibidem*.

⁹⁰ “the Amazon basin or [...] Borneo”. *Ibidem*.

séculos antes, acontecem ainda hoje. Toda essa parte é quase uma ilustração daquilo que, segundo Pieter Vermeulen, o Antropoceno expressa: “o fato de os projetos humanos terem colonizado completamente o planeta a ponto de não restarem margem ou local de refúgio para diferentes modos de ser ou mesmo para diversidade biológica”⁹¹. Os milhares de anos de ocupação das Ilhas Britânicas pelas árvores foram sucedidos pela ocupação humana, que em um período muito mais rápido acabou com as florestas e impôs a sua forma de vida.

Depois das queimadas, as árvores eram derrubadas para a manufatura de navios e para fazer o carvão com que se derretia o aço que era necessário em grandes quantidades⁹². A menção do uso da madeira para a construção de navios remete a um trecho do capítulo IV, no qual ele comenta sobre a batalha de Solebay, entre Inglaterra e Holanda, em 1672, quando a Holanda, na época o império comercial mais poderoso, perdeu para a Inglaterra, que passaria ser a grande potência imperial dos séculos seguintes⁹³. Batalhas navais com essa, o narrador reflete, tinham um número de mortos que superava em muito os habitantes da maioria das cidades da época. Por isso, a enormidade de agonia e destruição torna-se um desafio para nossa capacidade de compreensão, igual àquela imposta pela “imensidão do esforço que deve ter sido necessário – desde o corte e preparo da madeira, mineração e fundição do minério, e a forja do ferro, até a tecelagem e costura do tecido das velas – para construir e equipar embarcações que estavam quase todas predestinadas à destruição”⁹⁴. Portanto, a forma de vida dos seres que colonizaram as ilhas, após as árvores, é baseada numa quantidade de trabalho e de gastos para a construção de mercadorias que servem apenas para a destruição. Uma história que não apenas desafia nossa imaginação como talvez evidencie aquilo que Sebald considera o impedimento para algum princípio de esperança a partir da intenção didática da literatura.

O trecho também é todo marcado pelo signo do fogo, como aliás boa parte da obra de Sebald, como nos textos sobre os bombardeios aéreos, em que as tempestades de fogo têm um importante papel. O narrador descreve a humanidade como uma espécie que se espalhou através das queimadas, e cada artefato que ela cria tem por trás o princípio da “[c]ombustão”, que faz a sua

⁹¹ “the fact that human designs have thoroughly colonized the planet to the point that no margins or sites of refuge for different ways of being or even biological diversity remain”. Pieter Vermeulen, *Op. Cit.*, 2020, p. 9-10.

⁹² W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002.

⁹³ É bastante presente também na obra de Sebald a crítica aos vários imperialismos.

⁹⁴ “vastness of the effort that must have been required—from felling and preparing the timber, mining and smelting the ore, and forging the iron, to weaving and sewing the sailcloth—to build and equip vessels that were almost all predestined for destruction”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 78.

civilização ser apenas uma “estranha luminescência”, que, como o fogo, vai se apagando, até que reste apenas um planeta onde só existem rochas, pedras e poeira⁹⁵. Essa visão melancólica percorre a obra de Sebald e é um dos pontos que a crítica mais se apega para acusá-lo de não apresentar uma possibilidade de saída dessa história natural da destruição. Quanto a isso, talvez seja preciso voltar justamente para aquele paradoxo: a verdade sobre nossa história natural da destruição, que a intenção didática da literatura revela, é justamente o que dificulta qualquer princípio de esperança. Diante disso, resta saber para que então ainda se escreve, ou “para que serve a literatura?”, e sua resposta é: “[e]xistem muitas formas de escrita; apenas na literatura, no entanto, pode haver uma tentativa de reparação que vá além da mera narração dos fatos e do conhecimento acadêmico”⁹⁶. Portanto, a literatura não é necessariamente aquela que vai dar respostas para os problemas. Mas ela é, antes de tudo, uma tentativa de reparação das histórias daqueles que sempre foram, e continuam sendo, as vítimas de nossa história natural da destruição, humanos e não humanos. Nesse sentido, a literatura pode, ao menos, participar do que Isabelle Stengers propõe: se não podemos garantir que tudo ficará bem, podemos ao menos passar pelas provas que virão sem cair na barbárie, e, para isso, é preciso que lembremos que há sempre aqueles que mais sofrem⁹⁷. Ora, lembrar e mostrar as histórias dessas vítimas não deixa de ser uma forma de tentar evitar essa barbárie. Não é que a literatura não tenha um potencial de nos ensinar sobre nossa história, e de apresentar alternativas, na verdade ela está sempre fazendo isso, como sua intenção didática. Acredito que a descrença de Sebald não é quanto ao que a literatura pode fazer, mas quanto ao que nós conseguimos aprender e mudar. Nesse sentido, há um trabalho de Sísifo, mas também uma forma de tentar tirar um pouco do peso instrumental colocado sobre a literatura.

⁹⁵ “strange luminescence”. W. G. Sebald, *Op. Cit.*, 2002, p. 170. A imagem de um planeta tomado apenas pela vida mineral está presente também no poema narrativo *After Nature*, que apresenta outros tantos *topoi* da discussão sobre o Antropoceno.

⁹⁶ “what is literature good for?”; “[t]here are many forms of writing; only in literature, however, can there be an attempt at restitution over and above the mere recital of facts, and over and above scholarship”. W. G. Sebald, “An Attempt at Restitution”, 2006, s.p.

⁹⁷ Isabelle Stengers, *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*, 2015.

Referências

- BONNEUIL, Christophe; FRESSOZ, Jean-Baptiste. *The Shock of the Anthropocene: The Earth, History and Us*. Tradução de David Fernbach. Londres: Verso, 2016.
- CHAKRABARTY, Dipesh. Brute Force. *Eurozine*, out. 2010. Disponível em: <https://www.eurozine.com/brute-force/>. Acesso em 15 de outubro de 2023.
- CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. Tradução de Denise Bottmann *et al.* *Sopro*, n. 91, jul. 2013.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 2021.
- CLARK, Timothy. Scale. In: COHEN, Tom. (Ed.). *Telemorphosis: Theory in the Era of Climate Change* - Vol. 1. Michigan, EUA: Open Humanities Press, 2012, p. 148-166.
- CLARK, Timothy. *Ecocriticism on the Edge: The Anthropocene as a threshold concept*. Londres & Nova York: Bloomsbury Academic, 2015.
- CLARK, Timothy. *The Value of Ecocriticism*. Cambridge, UE: Cambridge University Press, 2019.
- DÜRBECK, Gabriele; HÜPKES, Philip. *Narratives of Scale in the Anthropocene: Imagining human responsibility in an age of scalar complexity*. Nova York: Routledge, 2022.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulher, corpo e acumulação primitiva*. Tradução de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- GHOSH, Amitav. *The Great Derangement: Climate change and the unthinkable*. Londres: Penguin, 2016. *E-book*. Documento não paginado.
- GROVES, Jason. Writing After Nature: A Sebaldian Ecopoetics. In: SCHAUMANN, C.; SULLIVAN, H. I. (Eds.). *German Ecocriticism in the Anthropocene*. (s. l.) Palgrave Macmillan, 2017.
- IOVINO, Serenella. Material Ecocriticism: Matter, Text, and Posthuman Ethics. In: MÜLLER, T. & SAUTER, M. (Eds.). *Literature, Ecology, Ethics: Recent Trends Ecocriticism*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2012.

KENNEDY, Rosanne. Humanity's Footprint: reading *Rings of Saturn* and *Palestinian Walks* in an Anthropocene Era. *Biography*, v. 35, n. 1, p. 170-189, 2012.

MORTON, Timothy. *Hyperobjects*. Philosophy and Ecology after the End of the World. Minneapolis e Londres: University of Minnesota Press, 2013.

SEBALD, W. G. Europäische Peripherien. *Litterae*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 32-34, 1992.

SEBALD, W. G. *The Rings of Saturn*. Tradução de Michael Hulse. Londres: Vintage Books, 2002.

SEBALD, W. G. Between History and Natural History: on the literary description of total destruction. In: SEBALD, W. G. *Campo Santo*. Tradução de Anthea Bell. Nova York: Random House, 2006. *E-book*. Documento não paginado.

SEBALD, W. G. An Attempt at Restitution. In: SEBALD, W. G. *Campo Santo*. Tradução de Anthea Bell. Nova York: Random House, 2006. *E-book*. Documento não paginado.

SEBALD, W. G. *Guerra aérea e literatura*: com ensaio sobre Alfred Andersch. Tradução de Carlos Abbenseth e Frederico Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. *Caderno de Leituras*, n. 62. p. 1-15. Belo Horizonte: Chão de Feira, mai/2017.

VERMEULEN, Pieter. *Literature and the Anthropocene*. Londres & Nova York: Routledge, 2020.